

Problemas do Trigo

VASCONCELOS COSTA

DISCURSO PROFERIDO NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

SR. Presidente. Circunstâncias felizes indicam, de maneira eloqüente, que o nosso País caminha para a libertação, no que respeita à desfavorável condição, em que todavia se encontra, de depender da boa vontade do estrangeiro, para prover-se, em forma conveniente, desse tão indispensável gênero de alimentação que é o trigo.

E não será bastante que aqui assinalemos que todo o nosso empenho deve, evidentemente, ser pôsto à prova, para que, no mais breve espaço de tempo, consigamos atingir aquela almejada libertação, com o que, dando graças a Deus, teremos, às nossas mesas, feito de trigo brasileiro, o nosso pão de cada dia.

Não estamos diante de um ideal utópico. Bem ao contrário, enfrentamos objetivo facilmente alcançável, definido por características de realização que, na prática, se integram em possibilidades e fatores que deixaram, de há muito, de ser, sob muitos aspectos, problemáticos e, sob outros, incontornáveis.

Valem estas considerações, Sr. Presidente, como intróito de outras que, a seguir, submeterei à consideração deste plenário, à guisa de justificação de projeto de lei que oportunamente apresentaremos, com referência ao assunto que, aqui, estamos abordando.

Quais os pontos que, em apreciação de conjunto, com visão panorâmica, devem, pelo que têm de fundamentais, despertar, desde logo, a curiosidade de quem se interesse pelo problema do trigo brasileiro?

Pelo que temos lido, ouvido e procurado syndicar, êle se condensa em termos que implicam, frontalmente, na consideração dos aspectos seguintes:

- a) terras apropriadas;
- b) sementes adequadas;
- c) colheita normalmente segura;
- d) garantia de preços estimuladores como resultante de previsões de consumo certo;
- e) disseminação de moinhos nas regiões de produção ou delas próximos;
- f) boa distribuição de recursos de armazenagem; e
- g) transportes suficientes.

Os aspectos que acabamos de focalizar economicamente se entrelaçam, interdependentes que são, já que, na prática, o problema da produção do trigo condiciona o racionalismo de sua solução à existência do sentido objetivo que cada um daqueles aspectos, de per si, estabelece com o caráter de exigência.

E' certo que os elementos que entram na constituição do que se deva entender como indispensável à solução do problema tritícola brasileiro começam, aqui e ali, em nosso vasto território, com maior expressão numas regiões e com menor noutras, a tomar a configuração de realidade verificável, rumo a futuro que poderemos considerar, sem pecar por otimismo, como efetivamente promissor.

Temos, por felicidade, em nosso País, terras que, aqui, ali e acolá, se apresentam como comprovadamente apropriadas para a lavoura do trigo e, em algumas regiões, como as do sul brasileiro e, em Minas Gerais, como as da Mata da Corda, áreas extensas e ubérrimas se não, experimentalmente, credenciado como ótimas para o cultivo do precioso cereal.

A Genética, graças sobretudo às pacientes pesquisas e experiências levadas a termo, com o decorrer do tempo, por técnicos do Ministério da Agricultura e das Secretarias de Agricultura de alguns Estados e, de modo especial e destacado, pela Estação Experimental Fitotécnica da Fronteira, em Bagé, Rio Grande do Sul, resolveu, após anos e anos de observações contínuas, o problema capital e que mais de perto dizia com as possibilidades efetivas de êxito da triticultura no Brasil, qual o das sementes aptas a prosperarem em nosso ambiente.

Registramos aqui, para que, com justiça, nos possamos envaidecer, os resultados, entre outros, alcançados por Iwar Bechmann, geneticista de renome internacional, Diretor da referida Estação Experimental Fitotécnica, com o lançamento, após demorados ensaios, das duas admiráveis variedades de trigo de sua criação: o "Frontana" e o "Rio Negro", cuja excelência, nas asas da fama, transpôs, de há muito, as nossas fronteiras. Basta que se diga ser à custa da multiplicação dessas duas admiráveis variedades de trigo que os frígais uruguaios procuram recuperar a antiga vitalidade produtiva que tão caracterizadamente, durante largo tempo, os distinguiu.

Mais do que as minhas palavras falam as da mensagem que o Presidente da República do Uruguai há tempos enviou à Assembléia dos Repre-

sentantes do País irmão, de cuja exposição de motivos, destacadamente, extraímos o seguinte:

“O Instituto Fitotécnico La Estanzuela iniciou, em 1942-43 um ensaio internacional de trigo, em que se distinguiram, desde os primeiros momentos, as variedades brasileiras “Rio Negro” e “Frontana”, criadas na Estação Experimental Fitotécnica da Fronteira, em Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil, pelo geneticista Iwar Beckmann, e que se notabilizaram por sua resistência às doenças, pela constância em rendimentos elevados e por permitirem um dilatado período de plantão, características de grande importância para o Uruguai. Tão notável foi o êxito alcançado por essas variedades — que se adaptaram a toda a área trigueira nacional uruguaia — que o Instituto Fitotécnico procedeu com elas a uma seleção individual, batizada com o nome de “Rio Negro, seleção Estanzuela”. Os resultados obtidos com êsses trigos brasileiros, em quatro anos de repetidos ensaios, em diversas zonas agrícolas, são de sorte a iluminar o obscuro panorama da exploração trigueira uruguaia, eixo indiscutível da nossa economia agrícola”.

O hino de louvor, que V. Ex.^a, Sr. Presidente, e êste ilustre plenário acabam de ouvir, dirigido a duas grandes e notáveis variedades de trigo brasileiro coincide com o que, mercê de demorado e especializado inquérito econômico pessoalmente orientado e dirigido pelo atual Gerente da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, foi, *in loco*, observado, após o término da safra de 1947, ao serem percorridas, durante várias semanas, por aquêlo alto funcionário do Banco do Brasil, as regiões produtoras de trigo do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do sudoeste do Paraná. Pela voz dos produtores mais capacitados; dos muitos moageiros que foram ouvidos; e dos diversos e competentes técnicos que foram consultados, impuseram-se os trigos “Frontana” e “Rio Negro” como os unânimes preferidos pelas suas particulares qualidades de vigor reprodutivo; de pêso específico; de rusticidade; e de resistência às pragas mais comuns. O “Frontana”, destacadamente, fêz valer-se, no inquérito a que aludimos, pelas suas valiosas qualidades de ambientação. Efetivamente, segundo o que nos dizem, vinga êle de maneira notável, em quase tôdas as latitudes: prospera na Patagônia e nas demais terras da Argentina; cresce no Chile e no Uruguai; viceja magnificamente no sul e no norte do Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná. Ensaio realizado credenciam-nos como bom para as terras de Minas Gerais, de São Paulo e de Goiás.

Trata-se, para resumir, de espécie de trigo de qualidade superior e de capacidade de ambientação quase universal.

Grande conquista da Genética brasileira, el honra e realça a benemerência, o inestimável serviço prestado ao Brasil, pelo saber e pelo paciente esforço do notável geneticista e grande brasileiro que é Iwar Beckmann.

Mas não são somente os trigos “Frontana” e “Rio Negro” os únicos a enobrecerem os esforços da Genética patrícia. Outros poderiam ser citados como de comprovada utilidade para o desenvolvimento de nossa produção tritícola. Citarei, para exemplificar, o “Florestana”, outra criação de Beckmann, que, sob a denominação de “Ban-

deirantes”, espiêndidamente prospera nas terras do Noroeste do Paraná; o “Rio Sulino”, o “Trinta e Cinco” e o “Farrapo”, comprovadamente bons para as terras do Norte do Rio Grande do Sul e do Sul de Santa Catarina, criações da Estação Experimental de Alfredo Chaves; e o “Kenia 155” que, em meu Estado, segundo opinião de entendidos, encontra “habitat” particularmente favorável.

Da conjugação dos fatores “terra apropriada” e “semente adequada” resulta a “segurança da produção normal”, contra a qual, aqui, como em toda a parte, uma ou outra vez, podem conspirar as incertezas das condições climatéricas ou um ou outro surto de praga imprevisível, sem que isto possa, como regra, implicar em prejuízo da conceituação de segurança a que vimos de aludir. Exemplo do que afirmo constitui o que já, desde anos, se vem verificando nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde as esplêndidas condições de colonização, gerando, no passado, racional e sábia distribuição de terras, para fins de exploração agrícola, permitem que algumas dezenas de milhares de pequenos agricultores, donos de pequenas glebas, em situação de tranqüila folga econômica, ajudados por suas famílias, via de regra sempre numerosas, se dediquem na atualidade com êxito à lavoura do trigo, sem preocupações maiores com os problemas correlatos de armazenagem, transportes e facilidades de industrialização.

Isto porque a circunstância que acabamos de referir corresponde a aspectos que, em verdade, não mais apresentam, nas zonas tritícolas dos Estados do Sul, as características de dificuldades a solucionar que antes apresentavam, por isso que, nessas regiões, onde, no momento, a produção do trigo já é algo de ponderável e efetivamente promissora, tornaram-se bons, de um modo geral, além de abundantes e variados, para as necessidades, os meios de transporte; satisfatórias as condições de capacidade dos armazéns, silos e depósitos de ordem vária; e favoráveis as condições de distribuição, pelos diversos centros produtores, dos inúmeros moinhos existentes nas regiões das lavouras e nas cidades mais importantes dessas mesmas regiões. Poder-se-á objetar que o incentivo que vem sendo dado ao desenvolvimento da produção tritícola no País venha, de um momento para outro, ante um aumento mais ponderável no volume das colheitas, de uma para outra safra, causar transtornos, reflexos perturbadores no que se entenda com as condições de transportes, armazenagem e industrialização. Tal receio se apoderou também do Gerente da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial durante o inquérito a que já fizemos referência e o levou, segundo por êle próprio fomos informados, a procurar esclarecer a questão nas diversas “mesas redondas” a que presidiu nos centros mais indicados das regiões produtoras de trigo dos dois grandes Estados sulinos.

E do exame feito, depois de ouvidos os mais autorizados conhecedores das particularidades da economia tritícola nas mencionadas regiões, resul-

tou que os aludidos aspectos não terão, na hipótese de aumento mesmo mais significativo da produção, as conseqüências perturbadoras que se poderiam temer, isso porque, à medida que a produção em referência aumente, o interesse comercial dos produtores e industrializadores cuidará êle próprio de resolver, como decorrência, o que vierem a exigir, em providências, os imperativos de industrialização, armazenagem e transporte, visto como, além do mais, são boas em verdade e suficientemente estáveis as condições rodoviárias e ferroviárias das regiões tritícolas dos Estados do sul do País.

Tais os elementos de informação que me foram prestados por quem, pelo contato que teve com as realidades verificadas no sul do País, está em situação de poder opinar com o necessário e atualizado conhecimento de causa.

Permitem-nos êsses mesmos elementos alimentar otimismo e confiança em relação ao futuro da lavoura do trigo em nosso País, tanto mais quanto um fator importantíssimo, talvez mesmo o mais importante, o da antecipada garantia de um preço mínimo economicamente estimulador, está nas mãos do Governo, tão altamente empenhado no assunto, a facilidade e o poder de assegurá-la, principalmente porque se trata de produto agrícola cuja cotação se prestigia por si mesma, face às dificuldades que duramente temos experimentado para importar da Argentina, como antes o fazíamos, trigo em grão suficiente para satisfazer à capacidade de industrialização de nossos moinhos, pois que, como é notório, aquela nação vizinha que nos supria de mais de um milhão de toneladas do artigo em alusão passou, nos últimos anos, a nos remeter tão somente pouco mais de 200.000.

Devemos, portanto, pugnar para que a lei, vindo ao encontro do empenho do Governo, assegure, para o trigo, como para outros gêneros de alimentação básicos, a prévia garantia de um preço mínimo economicamente compensador, bastando, para isso, que, sem demora, suba à sanção do Sr. Presidente da República o projeto da Câmara n.º 41-1948, ora pendente de pronunciamento do Senado.

As ponderações acabadas de fazer possibilitam-nos gozar, com referência ao futuro da triticultura nacional, conforme já deixamos dito, de clima de confiança e otimismo, não somente pelo que, confortadoramente, se observa no sul do Brasil, como porque, consoante ensaios de produção que vêm sendo feitos, devemos contar, para a final e consagradora vitória do trigo brasileiro, com a contribuição valiosa que, sem temor de afirmação temerária, poderá ser oferecida, em futuro muito próximo, pelas terras indubitavelmente boas para trigo que existem no Sudoeste e no Noroeste do Paraná; pelas áreas que, em São Paulo, de um modo geral, constituem os municípios servidos pela redovia Curitiba-São Paulo e pela Sorocabana, no trecho Itararé-Campos de Piratinin-ga; e, bem assim, também de um modo geral, pelas terras dos municípios próximos de Taubaté (Ca-

çapava, especialmente), no trecho servido pela Central do Brasil; pelas extensões que, em meu Estado, em várias zonas, se tem, comprovadamente, acreditado como boas para a lavoura tritícola, sobretudo as que, notoriamente excelentes, distinguem a privilegiada região da Mata da Corda, cujas terras fertilíssimas, numa área não menor de 300.000 hectares aproveitáveis, autorizam-nos uma estimativa de produção não inferior a 200.000 toneladas por safra; e, finalmente, pela contribuição que, em futuro mais remoto, poderá ser proporcionada por Goiás com a grande reserva que representam as notáveis condições do Planalto dos Veadeiros.

Terras, conforme se viu, não nos faltarão. Aliás o fator "terras" não é, na essência, um fator fundamental e incontornável, sabido como é que o trigo dá bem em quase tôdas as latitudes e em quase todos os climas. Dá bem na Sibéria, como prospera no Vale do Nilo; cresce bem nas planícies da Ucrânia, como viceja na Algéria; dá bem no Japão como na Patagônia; e dará, sem sombra de dúvida, bem em muitas regiões ainda não estudadas do nosso País, como, no passado e na atualidade, deu, e tem dado, no Rio Grande, em São Paulo e em Minas.

Isto porque, aqui, como em tôda a parte, sob o ponto de vista técnico-agronômico, o problema do trigo é menos um problema de terras do que, principal e fundamentalmente, um problema de sementes apropriadas às condições de cada meio, clima, latitude e altitude. E êsse problema pode-se resolver, com sabedoria e paciência, a Genética. Precisamos, pois, por todo o Brasil, aonde aconselhável se fizer, de muitas estações experimentais fitotécnicas, no modelo de organização da Fronteira, em Bagé, e de que, a cargo das mesmas, se coloquem homens que, pelo saber e pela dedicação, se aproximem e igualem a Iwar Beckmann.

A produção brasileira de trigo, embora muito longe ainda dos limites de possibilidades a que está em condições de alcançar, define-se, de momento, com base no apurado na última safra, por um volume de 350.000 toneladas.

Dessa produção, consoante levantamento feito, após percurso de mais de 5.000 quilômetros nas áreas produtoras do Rio Grande, Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, percurso êsse levado a têrmo no decorrer dos meses de fevereiro, março e abril do corrente ano pelo atual Gerente da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, conforme já referimos, 250.000 toneladas correspondem à produção gaúcha; 80.000 à de Santa Catarina; e 20.000 à do Sudoeste do Paraná.

Essa a produção que, no Brasil, se apresenta — e se apresenta em base segura — como tendo sido, realmente, em sua quase totalidade, transformada em farinha panificável. Essa, no momento, como ponto de referência, a produção de trigo nacional que pode ser dada como tendo tido expressão comerciável, eis que, ainda em fase de ensaios, em campos de multiplicação de sementes,

representa a produção do Noroeste Paranaense, de São Paulo, de Minas e, quicá, de Goiás, não figura, todavia, nas estatísticas do comércio de trigo em grão em nosso País, certo como se faz que a produção a que vimos de nos referir destinado se tem ao replantio.

Por tudo quanto aqui deixamos dito, lícito será de admitir-se que a safra tritícola de 1948 deva vir a destacar-se por resultados bem mais notáveis.

E, de fato, tudo nos indica que assim ocorrerá.

Transcrevemos, para corroborar o que acabamos de afirmar, trecho de relatório recente alusivo a investigação que, sobre o assunto, foi mandada proceder pelo Ministro Correia e Castro.

Diz o trecho do relatório em questão:

“.....

5. As necessidades de trigo em grão para as atividades moageiras nacionais, com base nas nossas possibilidades normais de consumo de farinha, situam-se, conforme é sabido, no nível de 1.200.000 toneladas, por ano, com a natural tendência de aumento.

6. Temos, assim, que, tomando, como ponto de referência, o recorde obtido na última safra (nunca menos de 350.000 toneladas, conforme acentuado), já nos suprimos, de trigo nosso, em mais de 25% das nossas exigências de consumo.

7. Na safra cujo ciclo agrícola, nos três Estados sulinos, ora se processa, as perspectivas de um novo recorde de colheita se apresentam como grandemente promissoras, muito encorajadas que foram as atividades tritícolas pelos efeitos resultantes da influência conjunta dos seguintes fatores:

a) firmeza de preços evidenciada, na última safra, em relação ao trigo em grão, não somente pelas tendências estáveis que, de um modo geral, se verificam nas cotações do produto nos mercados controladores mundiais, como porque as medidas governamentais, visando o estímulo da produção do precioso cereal, mantém o espírito dos produtores tranqüilo a respeito dêsse fundamental aspecto dos problemas da produção que é a segurança do preço economicamente compensador;

b) margem boa de lucro, especialmente para as “pequenas lavouras”, às quais — diga-se de passagem — se deve, em verdade, a quase absoluta totalidade da nossa atual produção de trigo, por isso que nas “pequenas lavouras” — que, nos Estados do sul, se contam por dezenas de milhares, com a área média que, por produtor, não chega, com precisão, a cobrir dois hectares — o custeio dos trabalhos agrícolas é praticamente quase nenhum, sendo a “boa margem de lucro” acima referida explicável pelas seguintes e ocorrentes razões:

1.^a o preço pago aos produtores pelo sacco de trigo em grão, foi, em bases francas e firmes, não inferior, de um modo geral, a Cr\$ 170,00;

2.^a a última safra foi beneficiada por condições ultra-excelentes de tempo, o que redundou em favor da quantidade, e, sobretudo, da qualidade da produção;

3.^a a produção média, por hectare, 15 sacos de 60 quilos, é, no Sul, considerada como economicamente muito boa;

4.^a o pequeno agricultor, o “colono”, é proprietário da terra que explora; utiliza a sua própria semente; não gasta com empregados, pois que toda a sua família (via de regra, sempre numerosa) o ajuda — e ajuda de verdade — nas lides agrícolas;

5.^a disso tudo resulta que o “colono”, depois de retirar, para suas necessidades de alimentação e para plantar na safra a seguir, mais ou menos 30% da co-

lheita, pode, com a venda dos 70% que lhe sobram, auferir, por hectare, lucro, em dinheiro, não inferior a Cr\$ 1.785,00.

c) a ação de presença e o interesse com que, de maneira direta, o Governo e o Banco do Brasil vêm atendendo à triticultura;

d) o prestígio adquirido pelas comprovadas boa qualidade, resistência e produtividade das sementes brasileiras (“Frontana”, “Rio Negro”, “Florestana”, “Rio Sulino”, “Trinta e Cinco”, “Farrapo”, “Lageadinho”, etc.), reveladoras da capacidade técnica das nossas Estações Experimentais, notadamente a da Fronteira, em Bagé;

e) a sempre crescente disseminação de Moinhos pelas regiões produtoras, estimulada pela assistência financeira que a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial vem proporcionando aos mesmos para a compra de trigo em grão;

f) o efeito psicológico altamente salutar que a conjugação de todos os expostos fatores passou a exercer no espírito dos produtores, induzindo-os, de um modo geral, a dobrarem e, em muitos casos, a triplicarem a sua área habitual de plantio; e,

g) a circunstância, decorrente do clima de entusiasmo acima retratado, que passou a encorajar outros agricultores, sobretudo orizicultores, a se dedicarem, também, à triticultura

8. Conforme se pode depreender de tudo quanto até aqui foi explicado, a triticultura passou, nos Estados do Sul, a ser encarada como alto e seguro negócio (e temos que o é, realmente), aliando-se, às fortes razões de interesse, as de ordem patriótica, manifestadas no empenho que se nota nos produtores de tornarem o País livre da humilhante necessidade de importar trigo.

9. As notícias que nos têm chegado das regiões acabadas de referir evidenciam que, se as condições climáticas não desmerecerem as que se observaram na safra passada, teremos, neste ano de 1948, a registrar um novo recorde, desta vez notável, na produção brasileira de trigo.

10. E, como a falta, no mercado, de máquinas agrícolas dificultou e impediu, na safra em curso, surto de mecanização à altura do que era lícito esperar da grande procura de máquinas registrada, será, ainda desta feita, aos mesmos “pequenos produtores”, como ocorreu, em 1947, aos quase 200.000 pequenos proprietários de terras que nos deram o recorde da safra passada, que iremos dever o novo recorde a que, no item anterior, nos referimos.

11. Em quanto, com base nos resultados da safra passada, se definirá êsse novo recorde?

12. Por tudo quanto observamos em nossa longa excursão pelas regiões produtoras do Sul do País e por tudo quanto sentimos e sabemos do entusiasmo e confiança com que os produtores se entregaram aos trabalhos da safra em curso, temos para nós que, se até dezembro próximo futuro, se mantiverem boas as condições de clima, a produção a ser obtida nesta safra não deverá baixar de 600.000 toneladas.

13. Para fixar a estimativa de produção citada, partimos do princípio de que as excelentes condições de tempo verificadas na safra de 1947 não se devam, com facilidade, repetir na safra corrente, circunstância que nos induz, sem otimismo, a admitir que o aumento da colheita, neste ano, considerado tudo quanto foi dito, se não atingir a 100, será, no mínimo, de mais ou menos 75%.

14. Pensamos que a previsão de uma colheita de trigo de 600.000 toneladas, para a safra de 1948, possa ser adotada com confiança, à guisa de ponto de referência para fixarmos as nossas necessidades de importação do que nos falta para atendermos às exigências do nosso consumo total.

15. Isto não quer dizer, entretanto, que nos venhamos a admirar se a nossa produção nesta safra fôr, por exemplo, de 700.000 toneladas, ou mesmo mais, por isso que sabemos que a área geral plantada, em todo o Sul do País, no mínimo, terá dobrado e, no caso de muitos produtores, mesmo triplicado.”

O que acabamos de ler constitui razão para que amplamente nos regozijemos e para que confiemos no Brasil como País que pode, tão bem como qualquer outro, produzir o seu próprio trigo.

A estimativa de 600.000 toneladas, admitida para a nossa produção na safra em curso, se vier, na prática, a se confirmar, como todos devemos querer que se confirme, representaria, para a nossa economia, vitória de transcendental expressão, pois que 50% do que, anualmente, necessitamos para o nosso consumo estará coberto pelo nosso próprio esforço.

Na razão de M\$ 70,00, pelos 100 quilos, que é quanto a Argentina nos tem cobrado pelo trigo de que nos provê, em condições de remessa aliás não regulares, nem liberais, representará a circunstância, calculado o pêso argentino a Cr\$ 4,00, arredondadamente, nada mais nada menos de Cr\$ 1.680.000,00 de benefícios, na posição internacional de nossa balança comercial.

Seja, entretanto, como fôr, o fato é que, na batalha do trigo, a nossa hora de glória e de vitória parece aproximar-se de forma auspiciosa e decisiva. E para a consecução de finalidade de tão relevante significação para o País, conto que Minas Gerais também trará, em tempo, o seu quinhão de esforço.

São grandes as possibilidades do meu Estado. Já falamos na Região de Mata da Corda que, abrangendo, principalmente, os municípios de Pa-

tos de Minas, Carmo do Paranaíba, Rio Paranaíba, Patrocínio, Presidente Olegário, Tiros e São Gotardo, dispõe de área provável de 300.000 hectares aproveitáveis, capaz de uma produção de mais de 200.000 toneladas.

Outras regiões merecem igualmente destaque. São elas as do Triângulo Mineiro, as da Mata dos Pains e as de Montes Claros.

Os longos estágios experimentais a que, sobretudo, têm sido submetidas as regiões da Mata da Corda, do Triângulo e de Mata dos Pains nos autorizam a confiar no futuro da triticultura mineira.

Temos, em Minas Gerais, terras apropriadas, sementes boas e índices de produção altamente encorajadores. A produção por hectare, sem irrigação, varia de 800 a 1.500 quilos e, com irrigação artificial, de 1.500 a 2.500 quilos.

Tem o meu Estado condições para, em futuro não remoto, poder atender, pelo menos, às necessidades do seu próprio consumo. Necessário se lhe faz, entretanto, que o Governo Federal o ajude a resolver os problemas que correm parelhos com os de desenvolvimento da produção do precioso cereal. Precisar-se-á de uma organização científica como a que notabiliza a Estação Fitotécnica da Fronteira, em Bagé; de incremento colonizador, pela utilização de elementos experientes no trato das lavouras de trigo; e de rede de moinhos, sobretudo pequenos, que se dissemine pelas regiões produtoras.

*

* *

As condições atuais, dentro e fora de nossas fronteiras, atestam a marcha que o mundo realiza na direção de um novo estado de coisas, favorável à resolução de problemas brasileiros que afetam particularmente o nosso bem-estar social e econômico. O extraordinário desenvolvimento dos meios de transporte e comunicações reduziu de tal forma as distâncias, que novas concepções constituem condição fundamental para um proveitoso intercâmbio do progresso representado pela vulgarização das vitórias científicas sobre os males físicos e pelos descobrimentos e invenções ampliadoras das possibilidades de conforto e bem-estar. Unidos povos e nações na mobilização integral de recursos, e também nos multiformes padecimentos impostos pelo gigantesco conflito, aprendemos que, malgrado diferenças de raça, língua, religião e costumes, a humanidade é uma só e um só o seu problema: a implantação decisiva de um genuíno sentimento de fraternidade universal. Ante as novas contingências que se delineiam, parece oportuno colocarmo-nos à altura dos acontecimentos, identificando e provendo racionalmente as necessidades que assolam a nossa estrutura social econômica. A pobreza demográfica de nossa pátria e a proximidade de empreendimentos carecedores, qualitativa e quantitativamente, de mão-de-obra, parecem reclamar a introdução imediata de largos contingentes imigratórios, a exemplo do que se vem verificando com outros países sul-americanos. Os aspectos delicados que a questão oferece prestam-se a considerações bastante amplas, às quais somos levados mais pelo objetivo de encarecer a sua importância do que de versá-la com a segurança e proficiência dos que se acham de ofício incumbidos do seu tratamento. Já nos períodos iniciais da história da humanidade, podem ser observados movimentos migratórios nos grupamentos humanos mais rudimentares, à cata de alimentos ou empenhados em movimentos coletivos de conquista e colonização. A princípio francamente hostil, a atitude das sociedades, quanto à aceitação de elementos adventícios, variou através do tempo, ao sabor das contingências históricas. Essa hostilidade, caracterizadora da atitude dos povos primitivos com relação aos estrangeiros, evoluiu lentamente no sentido de uma crescente tolerância, que culmina em Roma, com a introdução, na magistratura romana, da figura do "praetor peregrinus". Com efeito, não obstante originariamente avessa à integração de estranhos, a "urbs" institui estabelecimentos de beneficência destinados a acolher estrangeiros necessitados ("xenodochia"), marcando tais fatos, a nosso ver, o reconhecimento público da existência de direitos próprios do estrangeiro. Essas tendências foram acentuadas pelo incremento das atividades de comércio, aliados à adoção dos princípios cristãos de fraternidade universal, elevando gradativamente a personalidade do alienígena, até quase nivelá-lo à situação do nacional. O tema é vasto demais para enquadrar-se nos limites de um ponto de vista exclusivamente jurídico, o que daria uma visão unilateral do problema imigratório. Prende-se a outros ramos de conhecimento, erigindo-se das dificuldades próprias das ciências sociais,

— Carlos Dodsworth Machado — "R.S.P." de dezembro de 1945.